

## **Sentido, propósito e alma: estratégias dialógicas entre estudos sobre quociente espiritual, ecumenismo e comunicação não violenta<sup>1</sup>**

Ingrid GOMES<sup>2</sup>

### **Resumo:**

O artigo reflete os conceitos de não violência na comunicação, ecumenismo e quociente espiritual, respectivamente dos autores Marshall B. Rosenberg (2006) “Comunicação não-violenta”, Hans Küng (1993) “Projeto de ética mundial” e Danah Zohar e Ian Marshall (2012) “QS Inteligência espiritual”. O texto desenvolve diálogo interteórico entre as obras citadas, utilizando a metodologia da hermenêutica de profundidade de John B. Thompson (2011), no intuito de sistematizar perspectivas e estratégias de ação dialógicas em propostas salutares para a convivência nas sociedades contemporâneas. A análise, portanto, pretende contribuir na interpretação do ecumenismo (KÜNG, 1993) para uma sobrevivência ética da humanidade, somada aos novos estudos do quociente espiritual e suas interconexões nas relações sociais emergentes (ZOHAR; MARSHALL, 2012), tais como, a comunicação não violenta (ROSENBERG, 2006) em que o espaço de diálogo interpessoal se solidifica com os componentes da diversidade do outro na busca de valores éticos, propósito de vida e bem-estar coletivo.

**Palavras-chave:** Dialogia; Ecumenismo; Inteligência espiritual; Comunicação não violenta; Humanidade.

### **1. Introdução**

Não me interessa saber quem você é e como veio parar aqui.  
Quero saber se você ficará comigo no meio do fogo e não se acovardará.

Não me interessa saber onde, o que ou com quem você estudou.  
Quero saber o que o sustenta a partir de dentro, quando tudo o mais desmorona.

(**The invitation** - Inspirado por Sonhador da Montanha Oriah, índio americano ancião / Maio 1994, apud ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.13).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

<sup>2</sup> Jornalista, especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestre e doutora pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutora em Processos Comunicacionais pela Umesp, membra do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local (COMUNI). E-mail: [ingridgomessp@yahoo.com.br](mailto:ingridgomessp@yahoo.com.br).

O sábio índio americano num prelúdio dos tempos atuais, em que se observa “tudo o mais desmoronar” como: crescimento de desemprego, desvalorização educacional, desrespeito a direitos humanos, Estados negligenciando seus cidadãos, e seres humanos construindo ambientes insalubres de convivência, a busca pelo sentido, pelos valores que outrora satisfizeram nossas sociedades requerem mais (GALLARDO, 2014). Mais características garantidoras de integridade com a vida humana. “Algo que abrange liberdade, solidariedade, igualdade, respeito e observância do direito dos outros [...]”, explicam Balman e Bordoni (2016, p.156) sobre os novos formatos de devir a ser os sistemas democráticos pelo mundo.

Mesmo diante do caos de nossas relações sociais carecerem de respeito ao diferente, ao outro, por vezes, a qualquer um que posso pensar ou se articular de forma diferente da nossa, há a possibilidade dos encontros entre movimentos, entidades, instituições, igrejas, comunidades, famílias e pessoas com sentidos primários comuns, os quais juntos apresentariam potencial construtivo para passarem “em meio ao fogo” e trafegarem por caminhos de soluções assertivas e mais frutíferas do que o atual momento, configurado pelo “caos” do preconceito e das ilhas, ou mesmo, “bolhas ideológicas” (BINYAN, 1993; SALAS, 2017).

Portanto para pensarmos no sentido interrogado do “sustento” no poema, ou seja, a alma para adeptos do budismo, hinduísmo e outros, ao espírito para cristãos, ao “ponto de Deus” em nós, ao transcendente composto de energia que habita no eu de cada ser humano como propõem Zohar e Marshall (2012, p.109) é necessário repensarmos nossas relações de afeto em sociedades complexas, assim como ancorarmos em conjunto as possíveis diferenças que podem nos aproximar nesse sustento.

Nesse sentido esse artigo propõe no diálogo com autores específicos, Hans Küng, na teologia, Marshall Rosenberg da psicologia e comunicação, e da área médica e física Danah Zohar e Ian Marshall, o interesse em analisar e refletir proposições acerca de indicativas salutares para uma humanidade que sobreviva ao caos, a partir da comunicação não violenta, do ecumenismo e da consciência espiritual de um propósito maior que nos reviva.

Para essa reflexão foram selecionadas as obras: “Comunicação não-violenta” de Marshall B. Rosenberg (2006), “Projeto de ética mundial” de Hans Küng (1993)<sup>3</sup> e “QS Inteligência espiritual” de Danah Zohar e Ian Marshall (2012)<sup>4</sup>, utilizando-se da metodologia da hermenêutica de profundidade – HP (THOMPSON, 2011) para a análise e interpretação subsequente.

Thompson (2011) propõe três procedimentos principais ao referencial metodológico da HP. A Análise sócio histórica, a Análise Formal ou Discursiva e a Interpretação/Reinterpretação. A partir daí Thompson (2011, p.366-367) expõe que há situações espaço temporais específicas em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas, assim como existem campos de interação em que essas formas simbólicas estão inseridas. Os campos de interação compreendem espaços, universos singulares em que se observa a ação e posicionamento de trajetórias, cujo movimento gera algumas das relações entre pessoas e provoca propostas entre elas (THOMPSON, 2011, p.366).

Na composição dos campos de interação estão dispostas as instituições sociais que se caracterizam como conjuntos de regras, recursos e relações; analisá-las “[...] é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas” (THOMPSON, 2011, p.367).

Diferenciando instituições sociais de estruturas sociais Thompson identifica nas estruturas assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação. “Analisar a estrutura social envolve tentativas de estabelecer os critérios, categorias e princípios que subjazem a essas diferenças e garantem seu caráter sistemático e durável”. Além de buscar compreender pelas assimetrias e diferenças sistemáticas a vida social (THOMPSON, 2011, p.367).

Os meios técnicos de transmissão são as mediações em que as formas simbólicas e mensagens chegam ao destino para as quais foram produzidas (THOMPSON, 2011,

---

<sup>3</sup> Este artigo explora pontualmente sobre o projeto de ética mundial, para saber mais sugere-se a leitura da obra de Hans Küng (1993) e do outro livro “Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren” de 2005.

<sup>4</sup> Este artigo explora pontualmente sobre a construção da inteligência espiritual, para saber mais sugere-se a leitura da obra citada, assim como o livro de Zohar (2008) “O ser quântico. Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física”.

p.368). Para este artigo os meios técnicos de transmissão são as três obras, para tanto ampliou-se a discussão nos itens: situações espaço temporais; campos de interação; instituições sociais e estrutura social, identificando os objetos de estudo como meios de mensagem, contextualizando-os oportunamente nas análises.

Diante do extenso conteúdo dos autores citados, preferiu-se focar no tópico principal das obras: sentidos, valores e humanismo, para o entendimento mais aprofundado da interpretação na análise da HP (THOMPSON, 2011).

A definição desse caminho se deu no sentido de potencializar o debate interpretativo acerca dos processos culturais dos objetos. Thompson entende que “ao estudar a estrutura narrativa, podemos procurar identificar os efeitos narrativos específicos que operam dentro de uma narrativa particular, ou elucidar seu papel na narração da história” (2011, p.374).

Sobre os objetos de análise, na obra “Projeto de ética mundial” do teólogo Hans Küng (1993), há uma proposta ecumênica de debater um projeto ético para a sobrevivência da humanidade, e para isso baseia-se em fundamentos comuns da moral, dos direitos humanos, das necessidades ecológicas e principalmente da força prática das crenças religiosas junto aos seus adeptos para à direção da paz.

Em “QS Inteligência espiritual” da física e filósofa Danah Zohar e do psicólogo, filósofo e médico Ian Marshall (2012) a explicação concentra-se na contextualização científica do “ponto de Deus” no cérebro humano, conceituado por eles como quociente espiritual (QS), o qual permite ao ser humano desenvolver-se transformando obstáculos, problemas, doenças e tragédias em caminhos novos, oportunidades inovadoras em ressignificar o sentido e propósito de vida. Tal QS é medido em nível de eficiência diferenciando-se do quociente emocional (QE) e do quociente de inteligência (QI).

Já o título “Comunicação não-violenta” (2006), do psicólogo Marshall B. Rosenberg, fundador na Califórnia, Estados Unidos, do Center for Nonviolent Communication (CNVC), propõe um quadro de como o ser humano deveria se relacionar uns com os outros, cuja base está na ideia de ouvir e expressar-se à luz da comunicação não violenta, na sigla: CNV (2006, p.19).

## **2. Dos laços afetivos aos valores e sentido**

Na proposta do “Projeto de ética mundial” (1993) a base essencial do proposto concentra-se na dignidade humana, “[...] um verdadeiro critério ecumênico” o qual valorize “[...] viver humanamente!” (KÜNG, 1993, p.146).

Hans Küng (1993) expõe a “pessoa humana” como justificativa e estratégia para promover esse Projeto de ética universal:

[...] a pessoa humana deve vir a ser mais do que é, ou seja, a pessoa humana deve ser mais humana! Bom para a pessoa humana é aquilo que lhe permite preservar, promover e realizar a sua condição de ser humano. E isso de uma forma diferente à do passado. A pessoa humana deve usar de forma diferente o seu potencial para uma sociedade a mais humana possível e para um meio ambiente o mais íntegro possível. Deve usá-lo de modo diferente de como tem sido feito até agora. Pois as possibilidades potenciais em termos de humanismo são maiores do que se mostram até o momento. Nessa medida, o princípio realista da responsabilidade está ligado ao “utópico” princípio da esperança (BLOCH, Ernst apud KÜNG, 1993, p.64).

Nessa lógica o teólogo cristão pontua caracterizar o ser humano como objetivo, assim, articularmos juntos uma convivência mais honesta e íntegra, incorporando também para isso a autorresponsabilidade da pessoa enquanto uma responsabilidade mais ampla, de estar no mundo e fazer parte dele, inclusive da natureza, e avança: “Para a organização de um mundo melhor necessitamos de identidade e solidariedade” (KÜNG, 1993, p. 64).

Para Küng é preciso orquestrar culturalmente uma ideia de ética básica, em que a partir dela conceitue-se a pessoa humana como objetivo primeiro e não como simples meio, para isso explica que, por exemplo, o lucro é o resultado das ações de uma empresa e não o objetivo, assim como a ciência, a técnica e as indústrias são apenas meios e não os objetivos e critérios de medida. “[...] a manipulação de genes humanos só é lícita à medida que está a serviço da proteção, da preservação e da humanização da vida humana. A pesquisa com embriões descartáveis é um experimento que deve ser considerado desumano e como tal deve ser rejeitado” (1993, p. 64).

Um dos fatores que prejudicaram a pessoa humana ser o centro da visão para uma ética universal, atualmente, é retratado por Küng pela ética vincular-se historicamente a uma ideia mais de âmbito privado. Nesse sentido, no contexto complexo como são as relações sociais hoje, a “[...] ética deve vir a ser novamente um propósito público de primeira grandeza”, aproximando-a de um formato mais institucionalizado, como costumam orientar-se os códigos de ética das comissões universitárias e instituições estadunidenses (1993, p. 66). Küng também atenta a necessidade dessa aplicação ser implantada para o “agir econômico”, o qual não estaria livre para valores próprios sem ligação com suas responsabilidades sociais e ecológicas (1993, p. 67).

Nessa abordagem o teólogo concentra seus argumentos para a prática de uma ética mundial, que interligaria o ser humano aos seus compromissos com a humanidade. Pontua a exigência de uma ética mundial para o mercado mundial, pois para Küng a ética deve funcionar para o bem do coletivo, e, portanto, ela deve ser indivisível. “Hoje em dia, a comunidade mundial não pode mais se dar ao luxo de uma ética divergente e até contraditória em pontos centrais. O que adianta ter proibições eticamente fundamentadas em um determinado país se num outro elas podem ser burladas?” (1993, p. 69).

Para essa construção Küng provoca que há das religiões mundiais um papel imprescindível para esse roteiro prático (1993, p. 101-2). Inicialmente retrata declarações, reuniões, encontros e tratados importantes nos últimos anos como acontecimentos que colaboraram para pensar essa ética matriz (KÜNG, 1993, p. 110-112). Portanto os avanços com as “máximas elementares da humanidade e o bem-estar das pessoas” (1993, p.102) devem ser computados para novas proposições, aprofundando em concretizar mais os direitos humanos (1993, p.109) em detrimento de fanatismos (1993, p.129) e dogmatismos (1993, p.139) religiosos.

As verdades sobre o humanismo das religiões devem transcender as armadilhas singulares de cada filosofia, em prol da paz e da dialogia entre elas. As religiões ocupam um cenário histórico na humanidade de resistência, admiração e empatia, fatores próximos ao emocional dos sujeitos praticantes de determinada cultura religiosa,

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo  
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial  
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

---

portanto Küng declara essa virtude associar as religiões mundiais a estarem em melhores condições para mobilizar milhões de pessoas para uma ética mundial (1993, p.108-9).

Em 1989, na Conferência da Unesco, em Paris, o teólogo Küng propôs esse Projeto de ética mundial entre os representantes das religiões presentes, dentre elas do islamismo, confucionismo, judaísmo, budismo, cristianismo e hinduísmo, no intuito de organizar “consensos possíveis” (1993, p.149). Nesse encontro os representantes aceitaram quatro importantes consensos: 1 – não há humanismo autônomo das religiões, concordam com o “humano” enraizado no absoluto; 2- compreendem num processo de autocrítica particular que em nome da religião deixou-se marginalizada a ideia da dignidade humana e direitos humanos; 3- concordam com a ausência nas religiões do tema humanismo e pacifismo como bases educadoras e 4- fundamentaram o humanismo como base de suas tradições, colaborando com a gestão de uma ética das religiões mundiais (KÜNG, 1993, p.149-150).

Na prática, essa disposição para o diálogo inter-religioso tem como meta a paz, e como consequência uma proposta ecumênica-humanista. Küng também propõe horizontes para grupos específicos. Para políticos identifica que observem os problemas da política mundial para além de estratégias nacionais e do mercado financeiro, ansiando a paz internacional (KÜNG, 1993, p.206) em suas ações e deliberações. No contexto empresarial afirma que precisamos de mulheres e homens sensíveis a observar os parceiros econômicos como seres integrais, em suas histórias, sociedades, culturas e que devem ter em mente nessa relação que se articulam com a religião de outras pessoas (KÜNG, 1993, p.206).

Logo, para políticos, diplomatas, empresários, funcionários e cientistas Küng aponta “[...] que não tenham somente conhecimento quantitativo-estático, mas também profundo conhecimento histórico, ético e religioso. A transmissão de conhecimento sem a comunicação de valores conduz ao erro” (1993, p.207).

E para religiosos e igrejas explica a necessidade de uma literatura teológica inovadora para a paz, a qual inspire intelectual e espiritualmente o diálogo contínuo com e entre as

religiões, promovendo o humanismo, além do material educativo das religiões trazerem conhecimento inter-religioso para esclarecimento e para a paz.

No âmbito geral solicita para todos os seres humanos buscarem conhecimento amplo das outras religiões e culturas, para promoverem diálogos precisos e honestos na promoção da paz (KÜNG, 1993, p.206-7).

Em “QS Inteligência espiritual” Danah Zohar e Ian Marshall (2012) também compreendem o contexto cultural dos seres humanos sobre conhecimento a respeito dos outros, autoconhecimento e nossas interlocuções com o espaço em que convivemos como obstáculos para o entendimento honesto das experiências da vida. “O típico homem moderno vivencia a si mesmo como estando simplesmente no mundo – e não como sendo do mundo” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.41). Zohar e Marshall conceituam a cultura espiritual como “embotada”, e a associam particularmente aos valores frios e previsíveis do paradigma mecanicista moderno, perpetuado amplamente no ocidente pela visão newtoniana de ciência (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.42), e também identificam o índice baixo de inteligência espiritual coletiva em razão de vivermos numa cultura que tende a primar por materialismo, utilitarismo, egocentrismo, ausência de propósitos mais amplos e negação a compromissos (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.29).

Diante desses pressupostos os pesquisadores sobre QS perguntam onde caberia nesse cenário o encontro do sentido de nossa experiência humana. Nesse sentido retomam à prática do humanismo costumeiramente observado no Oriente, e a associam “[...] ao sentido profundo da interligação da vida e de todas as suas manifestações. Possui um sentido profundo de engajamento e de responsabilidade por todo o mundo e por tudo o que ele contém” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.46). Essa ideia de humanidade se aproxima mais do norte teórico-cultural que Zohar e Marshall defendem sobre a inteligência espiritual, pela qual desempenha o papel de transformador da consciência, a partir da própria imaginação humana. “Significa descobrir em nós camadas mais profundas do que as que usamos para viver. Exige encontrar algum fundamento no eu para o sentido que transcenda o eu” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.49).



Mas afinal o que é a inteligência espiritual e quais as associações e diferenças das outras inteligências, emocional e intelectual? Zohar e Marshall realizam vasta investigação das descobertas da física com a psicologia sobre as camadas da psique e de sua localização no cérebro (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.53-80). No recente resultado de 1997, o neurologista Vilayanu Ramachandran, na Universidade da Califórnia, e sua equipe de cientistas identificaram um ponto entre conexões neurais nos lobos temporais do cérebro, e definiram esse ponto como “Ponto Deus”. Eles afirmam que esse ponto não atesta a existência de Deus, contudo explica “que o cérebro evoluiu para fazer as ‘perguntas finais’, para ter e usar a sensibilidade para sentido e valores mais amplos” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.25).

Diferente do quociente de inteligência – QI, também chamado de intelectual ou racional, que permite solucionarmos problemas lógicos, o QE, quociente emocional possibilita a percepção humana dos sentimentos particulares e externos. Por meio do QE emprega-se efetivamente o QI. “Se então lesionadas as áreas cerebrais com as quais sentimos, nós pensamos com menos eficiência” (GOLEMAN, apud ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.17). No QS, quociente espiritual, à inteligência está associada a como solucionamos e experimentamos problemas de sentido e valor, ele permite o funcionamento eficiente do QE e do QI; é a inteligência final. “O QS nos torna as criaturas plenamente intelectuais, emocionais e espirituais que somos” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.18-19).

Para Zohar e Marshall “O QS nos torna conscientes de que temos problemas existenciais e nos dá meios para resolvê-los – ou pelo menos para encontrar paz ao lidar com eles. E nos dá um sentido ‘profundo’ do que significam as lutas da vida. [...] O QS permite integrar o intrapessoal e o interpessoal, transcender o abismo entre o eu e o outro” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.27). Tal explicação propõe elucidar o quociente espiritual como o guia para as experiências de vida, encaminhando nosso QS para projetar o potencial que temos em ser, levando-nos a um senso mais profundo de sentido (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.28).

De maneira geral, os pesquisadores Zohar e Marshall indicam nove propostas para desenvolvimento do QS cotidianamente, são eles:

Capacidade de ser flexível (ativa e espontaneamente adaptativo); grau elevado de autopercepção; capacidade de enfrentar e usar o sofrimento; qualidade de enfrentar e transcender a dor; qualidade de ser inspirado por visões e valores; relutância em causar danos desnecessários; tendência para ver as conexões entre coisas diversas (ser “holístico”); tendência acentuada para fazer perguntas do tipo “Por quê?” ou “O que aconteceria se ...” e procurar respostas “fundamentais”; ser o que os psicólogos denominam “independente do campo” – isto é, possuir capacidade de trabalhar contra as convenções (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.29).

Com base nessas características Zohar e Marshall enfatizam a possibilidade dos sujeitos inclinarem-se para uma nova configuração ética em sociedade (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.210). Recuperam Thomas Kuhn para explicar essa possibilidade, e definem que é pela “mudança de paradigma”, ou seja, revisitando a vivência cotidiana para construções inteiramente novas que encontramos o conhecimento autêntico (KUHN, apud ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.252).

A mudança centra-se na batalha pela autoconsciência, mesmo diante de uma cultura que por vezes desencoraja, Zohar e Marshall insistem no quesito reflexão sobre nós mesmos, nossa vida, nossos processos internos, nossos motivos e propósitos e salientam realizarmos nesse exercício: “Que necessidade mais profunda está por trás desse desejo? Satisfazer esse desejo atenderá a essa necessidade profunda?” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.294), um propósito disciplinador e corajoso. Ao avançar, compreendem também o papel da vida humana a partir desse alargamento com nossa ligação funcional com o todo, e explicam que “Quando causo um mal desnecessário, abduco dessa responsabilidade, que é a finalidade mais profunda e o sentido de minha vida” (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.300). Pois para um QS alto é exigido espontaneidade profunda para atender a demanda dos seres humanos e do todo, num processo em que o “eu” assumo a responsabilidade de cuidar deles (ZOHAR; MARSHALL, 2012, p.300). Tal apreço na responsabilidade dos outros como parte da humanidade e existência é também fundamento na teoria do pesquisador Rosenberg sobre a comunicação não

violenta (CNV). A proposta da “Comunicação não-violenta” (2006) é refutar as comunicações alienantes da vida, aquelas que julgam, moralizam, comparam, bloqueiam, ferem uns aos outros, além de possibilitar um meio eficiente de compreender a si próprio (ROSENBERG, 2006, p.48).

“Ao mostrar como nos concentramos naquilo que realmente desejamos, em vez de naquilo que há de errado com os outros ou com nós mesmos, a CNV nos dá as ferramentas e a compreensão de que precisamos para criar um estado mental mais pacífico” (ROSENBERG, 2006, p.246). Essa ótica de observar, identificar os sentimentos, conectá-los com as necessidades e pedir por meio de uma linguagem positiva, além de estratégica para as relações conflituosas da atualidade, pode também ser conceituada como um modo de compreender os seres humanos, como aqueles capazes de focar o bem-estar coletivo, como possibilidade real e criativa.

O quadro é baseado em quatro passos, o que o teórico e empirista Rosenberg chama de componentes: “1 – observação; 2 – sentimento; 3 – necessidades e 4 – pedido” (ROSENBERG, 2006, p.25). Observar o que está de fato ocorrendo naquela situação específica, perguntando para si, o que os interlocutores estão dizendo ou fazendo que seja um processo enriquecedor ou não para as vidas relacionadas à situação, incluindo-se na pergunta. Para o autor, o interessante é articular a resposta sem elaborar julgamento ou avaliação (ROSENBERG, 2006, p.25).

Posteriormente, diagnosticar qual ou quais os sentimentos acionados naquela observação, como sentir-se magoado, humilhado, com raiva, alegre, assustado, com medo, agradecido, fortalecido entre outros. No segundo passo, facilita resolver conflitos permitir-se expressar emoções, identificando-as, mesmo que para isso seja consequência torna-se mais vulnerável. A verdade nessa conexão aproxima o eu do outro, para um “nós” (ROSENBERG, 2006, p.76).

No terceiro ponto sugere-se reconhecer “[...] quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos aí” (ROSENBERG, 2006, p.25). Neste momento também acontece um processo de análise; a descoberta dos sentimentos é o início para detectar as necessidades, por vezes, escondidas nos sentimentos. “O que os outros

dizem e fazem pode ser o estímulo, mas nunca a causa de nossos sentimentos”. O exercício diante uma mensagem negativa pode ser culpar a si próprio; culpar os outros; identificar seus próprios sentimentos e necessidades; ou ainda perceber os sentimentos e necessidades à sombra da mensagem negativa da outra pessoa. O desafio é aproximar os sentimentos das necessidades, assim o outro tenderá a ser mais compassivo (ROSENBERG, 2006, p.95).

E, no último passo, desenvolver um pedido singular, bem específico, no sentido de focar à outra pessoa o que esteja querendo, com clareza e com o cuidado para o pedido ser formulado com base no enriquecimento das vidas envolvidas, numa linguagem de “ações positivas” (ROSENBERG, 2006, p.12).

Ao expor os pedidos, verbalmente, nessa teoria e ação propositiva, as conversas tornam-se ampliadas. Por exemplo, numa situação em que se quer saber dos pensamentos do ouvinte sobre algo, propõe: “Gostaria que você me dissesse se prevê que minha proposta terá sucesso e, caso contrário, o que você acha que pode impedir seu sucesso”, ao invés da posição: “Gostaria que você me dissesse o que acha do que acabei de dizer”. Na lógica da comunicação não violenta a especificidade do pedido encaminha os pensamentos os quais gostaria de saber da outra pessoa (ROSENBERG, 2006, p.115-6). Outra atenção, a forma do pedido é a marca de exigência do padrão cultural das sociedades imporem, por isso o cuidado, pois muitos ouvintes podem acreditar na fala de estarem sendo punidos, ou ainda, podem se sentir culpados não atendendo o pedido. A proposta é deixar o ouvinte livre, fazer o pedido e abordar para ele atender se o puder. “O objetivo da CNV não é mudar as pessoas e seu comportamento para conseguir o que queremos, mas, sim estabelecer relacionamentos baseados em honestidade e empatia, que acabarão atendendo às necessidades de todos” (ROSENBERG, 2006, p.127).

Essa ferramenta da CNV possibilita relações sociais e autorrelacionamento de forma mais honesta com os sentidos e propósitos de vida do QS (ZOHAR; MARSHALL, 2012), promovendo associação com os fundamentos que dignificam a pessoa humana (KÜNG, 1993). Pois Rosenberg promete no processo de ouvir o outro com empatia e respeito, descobertas próprias e autoconhecimento profundo.

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas. Quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade de nossa própria compaixão (ROSENBERG, 2006, p.22).

A partir da exploração do QS e o desenvolvendo, transformando as experiências desnecessárias em visões ampliadas de seus sentidos em sociedades, a inclusão do outro interlocutor, como uma cultura, uma história religiosa, uma bagagem de linguagem e representação colaboram com o conhecimento ético sobre a partilha em questão, com o senso de responsabilidade e compromisso com a paz e compaixão em jogo.

Para o filósofo Richard Sennett em *Juntos* (2012) o entendimento de discussão dialógica baseia-se na importância da troca no ouvir do outro, explica que há um aprendizado subliminar nesse contexto, mais valioso até do que estar certo. Nessa discussão dialógica, “[...] embora não se chegue a um acordo, nesse processo de troca as pessoas podem se conscientizar mais de seus próprios pontos de vista e ampliar a compreensão recíproca” (2012, p.32).

Para as três obras aqui estudadas, dos autores Zohar e Marshall (2012), Küng (1993) e Rosenberg (2006) a dialogia, ou discussão dialógica, permeia os três campos e propostas em discussão, respectivamente, física, medicina, filosofia, teologia e comunicação-psicologia, provocando nas fronteiras dos conceitos apresentados expressões e teorias matrizes que norteiam a intersecção indicada. É sugerida nessa articulação a honestidade e a compaixão ocuparem o espaço cultural-estratégico que o ser humano tem desvalorizado em sua experiência de vida.

A honestidade ao observar-se como parte do todo no mundo e comprometido com suas responsabilidades inerentes (ZOHAR; MARSHALL, 2012), indiferente da religião ou crença religiosa, essa honestidade também diz respeito ao conhecimento desse todo, lutando radicalmente pela negação de fragmentos e estereótipos acerca desse todo (KÜNG, 1993), no intuito de eticamente não julgar (ROSENBERG, 2006). Nesse

processo do conhecimento expandido a compaixão norteia as ações para consigo e para com os outros, numa comunicação não violenta em que a identidade humana impere, dos pensamentos, articulações à linguagem.

### **3. Considerações Finais**

O critério ecumênico proposto em Küng (1993) valoriza o ser enquanto sua humanidade, e para um projeto ético o autor inquieta o ser pensante a agir a partir do seu diferencial de potencialidade, norteando-se por ações positivas diante as sociedades e meio ambiente, dentro do que chama de autorresponsabilidade e compromisso moral. Assim, a cultura por esse projeto ético deve ser baseada numa “identidade” mais humana. Nesse sentido, o teólogo propõe a ética ser debatida, conversada, discutida, orientada educativamente, para além da esfera do privado, como é comum nas sociedades modernas, ela então deve alcançar o espaço público pois seu propósito é epistemologicamente coletivo. Esse processo permitiria à identidade compor-se na prática de forma mais humana desenvolvendo-se no campo público, onde a ética é construída culturalmente, por isso os papéis essenciais da resistência e força de poder das crenças e religiões (KÜNG, 1993) na mudança de paradigma da sociedade.

A estratégia do propósito público de concepção da ética interligaria o ser humano aos seus compromissos com a humanidade, e deste modo possibilitaria o próprio “eu” desempenhar seu potencial em “ser” (ZOHAR; MARSHALL, 2012). O conhecimento integral, ou ampliado de estar no mundo e as suas relações com e do outro, ou outros, não só colaboraria em comunicações com valores éticos (ROSENBERG, 2006) como também com o capital humano da visão ecumênica sobre as religiões, portanto, a observação do sentido do “eu” com o todo contemplaria fazermos parte do mundo, para além de estar no mundo.

O que nos “sustenta”, do poema inicial do índio americano, retratado numa ética mais humana, no desenvolvimento da inteligência espiritual e na comunicação não violenta dialoga com o sentido e propósito da alma humana, por uma vida em coletivo com alimentos enriquecedores e compartilhados, na promessa humana de sobrevivermos integrais.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo  
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial  
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

---

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt & BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BINYAN, Liu. Enxerto de civilizações. Nenhuma cultura é uma ilha. **Foreign Affairs**. Princeton-Nova Jersey, n.04, v.72. p.152-154, set./out. 1993.

GALLARDO, Helio. **Teoria Crítica**. Matriz e possibilidade de direitos humanos. Trad. Patricia Fernandes. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

KÜNG, Hans. **Para que um ethos mundial?** Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Projeto de ética mundial**. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

SALAS, Javier. Usuários transformam seus murais no Facebook em ‘bolhas’ ideológicas. **El País**. Disponível em:  
[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202\\_446201.html?rel=mas](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202_446201.html?rel=mas).  
Acessado em 10/04/2017.

SENNETT, Richard. **Juntos**. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011.

ZOHAR, Danah. **O ser quântico**. Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2008.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **Inteligência Espiritual**. QS, aprenda a desenvolver a inteligência que faz a diferença. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.